

O Terapeuta e o Atendimento Fonoaudiológico em Grupo de Sujeitos Deficientes Mentais Numa Perspectiva Histórico Cultural

Autores

Daniele de Paula Souza

Orientador

Maria Inês Bacellar Monteiro

Apoio Financeiro

Fapic

1. Introdução

A visão do terapeuta sobre o deficiente mental interfere significativamente na constituição da subjetividade da pessoa deficiente e tem um papel importante na maneira como este atua no atendimento e na formação destes sujeitos. Neste sentido, o estudo desenvolvido permite uma ampliação do conhecimento sobre a atuação terapêutica em grupo e sobre a formação de futuros profissionais para atuar junto a pessoas diagnosticadas como tendo uma deficiência mental. O estudo baseou-se em autores da abordagem-histórico-cultural e enunciativa-discursiva, cujos principais representantes são Vygotsky e Bakhtin.

A linguagem é entendida como um produto histórico, social e cultural, por intermédio do qual o sujeito atua sobre a realidade, se relaciona com os outros e modifica o mundo (VYGOTSKY, 1991). Considera-se ainda, que a linguagem é instrumento de organização e desenvolvimento das funções mentais superiores, do pensamento e da consciência. Por meio da linguagem o indivíduo se expressa, planeja sua ação, compreende, descobre, aprende, modifica, constrói as suas experiências e se constrói como sujeito. Os estudos realizados por Vygotsky, na perspectiva histórico-cultural, e Bakhtin, na perspectiva enunciativo-discursiva, são fundamentais para a compreensão dos conceitos de: sujeito, linguagem, desenvolvimento e deficiência mental da forma como foram abordados neste estudo.

2. Objetivos

Este estudo visou compreender a forma como os terapeutas/estagiários do curso de Fonoaudiologia, que atenderam um grupo de sujeitos deficientes mentais, pensam e representam o deficiente mental e qual a repercussão de suas concepções na terapia Fonoaudiológica e nas possibilidades de transformação dos sujeitos em atendimento.

Partimos do pressuposto que a visão do terapeuta sobre o deficiente mental interfere significativamente na constituição da subjetividade da pessoa deficiente e tem um papel importante na maneira como este atua no atendimento e na formação destes sujeitos.

3. Desenvolvimento

O procedimento adotado, para se chegar a uma possível análise de como o terapeuta representa o deficiente mental, foi uma entrevista aberta. A escolha desse procedimento deu-se diante dos enormes limites apresentados pelos questionários objetivos fechados, que, na expectativa da padronização das respostas, perde a riqueza das informações, principalmente quando se pretende captar e analisar formas de pensamento. No decorrer da entrevista, foram geradas outras perguntas no sentido de maior explicitação de idéias e desenvolvimento do pensamento.

Como conseqüência da informalidade do momento das entrevistas, a linguagem coloquial foi a utilizada e mantida nas transcrições dos diálogos, na tentativa de garantir a fidelidade das informações conseguidas, e de convidar o leitor a participar das análises. Durante o processo, as questões inicialmente levantadas (do roteiro inicial) foram ganhando novas formas, fazendo com que algumas temáticas fossem escolhidas, outras não, dependendo da ênfase dada pela entrevistada.

A priori à entrevista, um termo de consentimento livre e esclarecido foi elaborado e entregue ao entrevistado de modo a assegurar-lhe sigilo e discricção em relação às informações que, posteriormente, seriam dadas.

Foram realizadas quatro entrevistas com terapeutas/estagiárias de fonoaudiologia que atenderam o mesmo grupo de sujeitos deficientes mentais.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas ortograficamente e analisadas procurando destacar as concepções e ações das terapeutas que poderiam estar contribuindo para a constituição dos sujeitos.

4. Resultados

As entrevistadas relatam a dificuldade em se definir o que seja deficiente mental, pois, se de um lado o déficit orgânico pode ser apontado como determinante da deficiência, por outro, ele nem sempre é claramente aparente. O olhar só para o orgânico restringe as possibilidades de atuação e de inserção social do deficiente mental.

A importância do grupo social para a significação que o sujeito faz de si mesmo aparece quando é abordada a questão da consciência do deficiente sobre suas dificuldades. As terapeutas, afirmam que eles têm consciência de suas diferenças já que, o grupo social no qual eles vivem, expressa e demonstra seu possível desvio de normalidade.

Em relação a questão familiar, percebe-se que há uma grande diferenciação do filho deficiente e do filho "normal" no tratamento dado pelos pais e familiares em geral. Em decorrência da descrença quanto às capacidades de uma pessoa com deficiência mental ser independente, a família (normalmente o responsável mais direto) acaba por "tomar a frente", realizando tarefas desde as mais elementares da vida diária até aquelas que envolvem decisões referentes ao seu destino enquanto cidadão.

É mencionada, também, a questão da linguagem, que é pouco praticada no contexto social em que os deficientes vivem. As pessoas que os cercam tendem a falar infantilizadamente, como que se estivessem falando com bebês.

As entrevistadas apóiam a idéia de promover uma maior inserção do deficiente mental em empresas e indústrias de grande porte, mesmo que seja apenas para realizarem trabalhos simples e práticos como embalar, encaixotar produtos, guardar materiais e coisas do tipo, como é o caso da Nabisco e do McDonald's que estabelecem cotas de vagas para funcionários deficientes mentais.

Um dado relevante encontrado foi que prevaleceu a imagem infantilizada que a sociedade têm do deficiente mental. As terapeutas mostraram em vários momentos que ainda não conseguiram modificar esta visão. Uma inclusive, deixa claro em seu discurso, a dificuldade que sente para mudar suas ações, mesmo tendo conhecimento da necessidade desta mudança. Durante as terapias realizadas pelas entrevistadas, houve a tentativa de reverter essa imagem, mas em certos momentos, elas se flagravam retomando a antiga concepção infantil sobre os deficientes.

5. Considerações Finais

A transformação da imagem infantil dos sujeitos deficientes mentais mostrou-se essencial para o desenvolvimento da linguagem e para a constituição de cidadãos.

Concordamos com Manfezoli (2004) quanto à constituição restrita possibilitada pelo grupo social aos sujeitos deficientes mentais e com "...a necessidade de uma efetiva mudança na maneira de olhar para esses jovens e adultos, a necessidade da promoção de práticas realmente significativas para que eles possam identificar-se como tais, com direitos e deveres de cidadãos numa sociedade democrática, que diz oferecer oportunidades de desenvolvimento e autonomia para todos." (p. 95)

Para conseguirmos obter as mudanças necessárias precisamos ações que incidam sobre aqueles que os rodeiam, ou seja, a família, os amigos, os colegas e o grupo social em geral. É urgente que tais ações se iniciem e que considerem a natureza do processo muitas vezes lento e difícil para conquistar mudanças nos valores e práticas sociais.

Precisamos levar tais reflexões para a clínica fonoaudiológica e para os cursos de formação dos profissionais que atuarão junto a estes sujeitos e suas famílias. Através da mudança nos olhares de clínicos e educadores podemos transformar, ainda que lentamente, a imagem do grupo social e assim garantir os direitos dos deficientes mentais em nossa sociedade.

Referências Bibliográficas

MAFFEZOLI, R. R. "Olha, eu já cresci": A infantilização de jovens e adultos com deficiência mental. Piracicaba, 2004. Dissertação de Mestrado

VYGOTSKY, Lev Semiovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.